

UM SARDO EM CAMPO: DIÁLOGOS PERTINENTES ENTRE ANTONIO GRAMSCI E O ESPORTE¹

Fabício Luís Duarte²

Resumo

O Estado conceituado pelo filósofo sardo Antonio Gramsci comporta duas “esferas”, a “sociedade política”, que diz respeito à natureza força, e a “sociedade civil”, concernente à natureza consenso, em que visões de mundo são elaboradas, difundidas e disputadas, na qual as classes buscam exercer hegemonia, isto é, direção política, moral, cultural e ideológica. A “sociedade civil” refere-se aos “aparelhos privados de hegemonia”, de adesão voluntária, que permeiam a vida cotidiana, como os partidos políticos, os sindicatos, os meios de comunicação de massa, a família, as escolas, as igrejas e todas as atividades culturais, incluindo o esporte. Gramsci reelabora o conceito de hegemonia, contrapondo-o à noção pura e simples de dominação, teorização que abre amplas possibilidades para a compreensão do esporte. As formas de consciência e as ações humanas não são meros reflexos mecânicos de um movimento infraestrutural; ao contrário, existem implicações recíprocas entre as estruturas e as superestruturas, esse é o processo dialético real. Nesse sentido, a importância da práxis é reconhecida, termo que remete às atividades humanas, compostas sempre de elementos volitivos, valorativos e teleológicos, donde o legado de Gramsci para os estudos socioculturais. No Brasil, apesar de alguns avanços recentes, a obra do sardo exerce ainda pouca influência nas pesquisas relacionadas ao esporte. Diante disso, este trabalho tem como objetivo explicar sumariamente quão fecundas são suas lucubrações para a inteligência desse fenômeno. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o assunto, no intuito de elucidar seus principais conceitos, especialmente o conceito de hegemonia. Enfim, o trabalho caminha no sentido de proporcionar fecundos subsídios teórico-metodológicos aos estudantes do esporte.

¹ O presente trabalho é parte integrante de uma dissertação que vem sendo desenvolvida sob orientação do prof. Edilson José Graciolli, docente da Universidade Federal de Uberlândia – MG. A pesquisa conta com aportes da FAPEMIG.

² Graduado (licenciatura e bacharelado) e mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia – MG. E-mail: fabricioduartesocio@gmail.com

Texto completo

Este trabalho busca explicar, ainda que introdutoriamente, quão fecundas são as lucubrações de Gramsci para o estudo dos esportes. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o assunto, a fim de explicitar seus principais conceitos, em especial o conceito de hegemonia. O trabalho caminha no sentido de proporcionar subsídios teórico-metodológicos aos estudantes do esporte.

O interesse do filósofo italiano Antonio Gramsci pelo esporte foi próximo de zero. Isso não é inconcebível, levando-se em consideração as suas debilidades físicas. Devido a uma doença manifestada quando tinha 18 meses, Gramsci tornou-se corcunda. Ademais, ele padeceu de males atrozes durante anos no cárcere. Não obstante isso, o legado de Gramsci é inestimável para os estudos socioculturais do esporte. Sua obra continua exercendo forte influência nas pesquisas sobre esse fenômeno, mormente em países anglófonos, como Estado Unidos, Canadá, Inglaterra e Austrália.

A despeito de sua sensibilidade para com inúmeros aspectos da vida da classe trabalhadora italiana, Gramsci, que morreu em abril de 1937, não deu atenção, por exemplo, às duas primeiras edições da Copa do Mundo de Futebol, as quais foram realizadas no Uruguai, em 1930, e na Itália, em 1934, ambas vencidas pelo time da Itália, à época do regime fascista de Mussolini.

O estádio construído em Turim, inaugurado para a Copa do Mundo de Futebol de 1934, com capacidade para setenta mil pessoas, recebeu o nome de *Benito Mussolini*, uma homenagem ao ditador italiano. A obra de Gramsci inspira o conhecimento dessa vasta estrutura ideológica, que comporta não somente a imprensa, mas também “as bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variados tipos, a arquitetura, a disposição e o nome das ruas” (GRAMSCI, 2006, p. 78).

Gramsci foi sentenciado pelo regime fascista de Mussolini a 20 anos, 4 meses e 5 dias de reclusão. No Tribunal Especial, em que ele e o grupo dirigente do PCI eram julgados, o promotor afirmava: “Devemos impedir esse cérebro de funcionar durante vinte anos”. Em virtude de sua saúde debilitada, Gramsci foi libertado, uma manobra de Mussolini para evitar que ele morresse como prisioneiro do fascismo. Ele faleceu aos 46 anos, pouco tempo depois da sua libertação.

Decerto, a questão fundamental que subjaz aos *Cadernos*, escritos por Gramsci no cárcere, é a seguinte: por que não foi possível repetir a experiência da Revolução de Outubro,

efetuada pelos bolcheviques, na Rússia, em parte da Europa Ocidental? Para responder a essa indagação, Gramsci clarifica que nas sociedades “ocidentais” o poder da classe dominante repousa principalmente no consenso, e não na coerção, exercida através dos aparelhos repressivos, portadores materiais da “sociedade política” (referente ao “Estado em sentido estrito” ou “Estado-coerção”).

A distinção realizada por Gramsci entre sociedades “orientais” e sociedades “ocidentais” não é puramente geográfica, mas histórico-social. A “ocidentalização” refere-se ao desenvolvimento/complexificação da “sociedade civil”, concernente à intrincada rede de instituições e práticas, de adesão voluntária, que permeiam a vida cotidiana, as quais são responsáveis pela direção política, moral, cultural e ideológica, ou seja, pela hegemonia. As atividades que vigoram no âmbito da “sociedade civil” exercem pressão coletiva e obtêm “resultados objetivos de elaboração nos costumes, nos modos de pensar e de atuar, na moralidade, etc” (GRAMSCI, 2007, p. 23-24). Os chamados “aparelhos privados de hegemonia” são os portadores materiais da “sociedade civil”; a seguir, estão postos à vista alguns desses “aparelhos”:

[...] political parties, trade unions, the mass media, the family, schools, churches and all cultural processes (which would include sport, although it had far less cultural importance during the interwar period, when Gramsci was writing, than it has today) (HARGREAVES; MCDONALD, 2000, p. 49).

Assim sendo, o esporte pode ser entendido como um “aparelho privado de hegemonia”³, locus em que visões de mundo são elaboradas, difundidas e disputadas, essencial na luta pela hegemonia. Como explicita Beal (2001, p. 48): “[...] the challenge to hegemony occurs in the civil society, in the everyday experiences of people, and this includes popular practices such as sport”.

Se o Estado conceituado por Gramsci consiste em “sociedade civil” mais “sociedade política”, isto é, hegemonia revestida de coerção, então o esporte é “Estado em sentido ampliado” e, por conseguinte, cortado pela luta de classes.

Essa segmentação do Estado em “esferas” empreendida por Gramsci, em “sociedade civil” mais “sociedade política”, é puramente metodológica, há superposição nas sociedades concretas. É importante, ao perscrutar a obra de Gramsci, ter em mente que a função hegemônica de classe extrapola o campo exclusivamente superestrutural, pois as práticas

³ Faz-se mister discriminar a prática, no caso, o esporte, da instituição, a estrutura material, como, a título de exemplo, um clube de esportes, o local da prática. Entretanto, há a possibilidade de a prática igualmente ser considerada como espaço em que acontece a elaboração, difusão e disputa de visões de mundo.

ideológicas se fazem presentes desde o momento da produção econômica, no interior da fábrica. Nesse sentido, Gramsci, em seu descomunal *Americanismo e fordismo*, acentua: “A hegemonia nasce na fábrica” (GRAMSCI, 2001, p. 247). Chamo à memória, com vistas a alargar a inteligência, um trecho escrito por Giulianotti em que o conceito de hegemonia é esmiuçado:

Hegemony describes the particular fluid power relationships, methods and techniques within a class society whereby dominant groups secure their control through the ideological consent, rather than the physical coercion, of the dominated group. The exploitative social order appears ‘natural’, or ‘common sense’, ensuring that the dominated group ‘lives its subordination’. Dominant groups accommodate elements of the subordinate social class within the hegemonic bloc, however resistant counter-hegemonic formations arise. Hegemony is established within different societal domains (in politics, business and industry, cultural arenas) where various classes or class fractions enter into struggle, opposition, manipulation, compromise, negotiation and accommodation (GIULIANOTTI, 2005, p. 49).

O conceito de hegemonia contrapõe-se à noção pura e simples de dominação. Com esse conceito, Gramsci busca explicitar uma intrincada textura de práticas culturais, políticas e ideológicas, as quais trabalham para cimentar a sociedade numa unidade relativa – nunca absoluta.

Ao afirmar o valor da luta cultural e ideológica no processo de reafirmação da chamada “dominação”, Gramsci vai de encontro às degenerescências economicistas, mecanicistas ou reducionistas presentes em algumas interpretações. Ele procurou entender a autonomia e a eficácia causal das superestruturas culturais como um problema político. A batalha cultural é um elemento central na disputa por hegemonia e o esporte ocupa uma posição estratégica nesse combate.

Em oposição ao materialismo “vulgar”, que reduz a história a um materialismo grosseiro, é importante entender que as formas de consciência e as ações humanas não são meros reflexos mecânicos de um movimento infraestrutural. Remetendo a Marx, escritor de obras políticas e históricas concretas, Gramsci considera um “infantilismo primitivo” a ideia segundo a qual as superestruturas política e ideológica são expressão imediata da infraestrutura. Destarte, ele abre espaço, em sua teorização, para as ações humanas, compostas sempre de elementos volitivos, valorativos e teleológicos.

Conforme Gramsci, ao contrário de um mecanicismo, existe na teoria de Marx uma reciprocidade entre estruturas e superestruturas, esse é o processo dialético real. A metodologia dialética é complexa, em contraposição à concepção mecanicista, na qual há uma

linha de demarcação entre o “determinado” e seus “determinantes”, na metodologia dialética, a despeito de os fundamentos econômicos constituírem os “determinantes fundamentais”, eles são também, concomitantemente, “determinantes *determinados*” (MÉSZÁROS, 2008, p. 57).

O marxismo chamado ortodoxo, de cunho mecanicista, compreende o esporte meramente como um exemplo da mercantilização da vida cotidiana pelo capitalismo. Esse fenômeno é visto como um circo que distrai os trabalhadores e obstrui seu potencial revolucionário, bem como transforma os atletas em autômatos e os espectadores em meros consumidores passivos. Como prática ligada ao “tempo livre”, o esporte restringe-se à função de reproduzir a força de trabalho, ao reforçar as qualidades necessárias ao trabalho. Essa abordagem tem sido largamente criticada pelo seu caráter determinista, estático e ahistórico. Os indivíduos não são simplesmente enganados pelas ideologias dominantes, jamais as aceitam em sua forma “pura”, visto que a combinação é mais ou menos heteróclita e bizarra.

Reconhecendo a importância da práxis, termo que remete às atividades humanas, Gramsci constitui uma alternativa fundamental aos estudos do esporte. Seu conceito de hegemonia abre espaço para pensar também as formas de resistência existente, as hegemonias alternativas e contra-hegemonias são elementos que persistem inclusive no esporte.

Neste momento, trazer à discussão uma afirmação célebre de Gramsci, plena de implicações democráticas, é fundamental. Segundo ele “[...] todos os homens são ‘filósofos’” (GRAMSCI, 2006, p. 93), ou seja, através de sua linguagem, de seu senso comum, todo homem, em sua ação interativa, manifesta um “conjunto de noções tanto sobre o que *é* como sobre o que *deve ser*” (COUTINHO, 2007, p. 111, grifos do autor) o esporte. Nesse sentido, a ideologia é central na orientação prática dos homens. Toda forma de práxis, inclusive a práxis esportiva, contém a potencialidade da passagem da recepção passiva do mundo para a esfera da modificação do real.

A “produção de um novo tipo de homem” foi clarificada por Gramsci no *Americanismo e Fordismo*:

Por outro lado, é necessário encaminhar esta regulamentação e a criação de uma nova ética. Deve-se observar como os industriais (especialmente Ford) se interessaram pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas famílias; a aparência de ‘puritanismo’ assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também ele racionalizado (GRAMSCI, 2001, p. 252).

A argumentação de Gramsci ecoa sobre o esporte de alta performance, cada vez mais racionalizado, visto que um “novo tipo de esportista” vem sendo produzido, o qual tem sua sexualidade regulamentada, configurando-se uma nova ética. Exemplar é o caso das concentrações dos times de futebol, praxe nos dias que antecedem os jogos. Não se trata, da mesma forma, de tentar controlar, dentre outras coisas, os instintos sexuais dos atletas de alta performance? Conforme clarifica Gramsci (2001, p. 269), o trabalhador, e aqui é possível incluir o atleta trabalhador, “que vai para o trabalho depois de uma noite de ‘orgias’ não é um bom trabalhador”.

Um conjunto amplo de especialistas é fundamental para engendrar esse “novo tipo de esportista”. Psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas e médicos do esporte (abre-se um novo campo, o da medicina esportiva) são necessários, assim como mega-salários (restritos a uma minoria, servem como o ideal, são objeto da mais alta aspiração) e uma vasta propaganda ideológica.

Falar em hegemonia pressupõe que alguns interesses dos atletas sejam atendidos, que eles podem resistir a conter determinadas práticas, afinal, eles não são simplesmente manipulados. Hargreaves discute com propriedade essa questão:

[...] there seem to be limits to the exploitation of sports workers in the interests of increased productivity and profits and on the exploitation of sport for promoting respectability, or national prestige, or whatever; for the more intensive the competition, the more there is a tendency, it seems, for those involved, from administrators down to participants, to try to win by breaking the rules (drug-taking, undercover payments, violent tactics, etc.). This has obvious repercussions for the credibility as a convincing symbol of dominant values and norms, and therefore for its utility in the construction of hegemony (HARGREAVES, 1982, p. 52).

O uso de substâncias ilícitas a fim de melhorar a performance do atleta implica no descrédito do esporte diante da chamada “opinião pública”, que é construída socialmente, mas, se não descoberto, como frequentemente (e por que não dizer *deliberadamente*) ocorre, tem por consequência o favorecimento da lógica do esporte de alta performance. Desse modo, é possível falar em ambiguidade, pois, ao racionalizar o trabalho do esportista, o doping traz benefícios à lógica do esporte profissional; ao mesmo tempo, mas na contramão, caso venha à tona, ele repercute de forma negativa na “opinião pública”, abrindo assim sulcos, já que a transgressão contraria princípios norteadores do esporte, tais como, a competição entre os “iguais” e o respeito às regras e ao próximo.

Referências bibliográficas

AGOSTINO, G. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.

BEAL, B. Disqualifying the Official: Na Exploration of Social Resistance Through the Subculture of Skateboarding. In: YIANNAKIS, A.; MELNICK, M. (Ed.). *Contemporary issues in sociology of sport*. 4. ed. rev. Champaign, IL: Human Kinetics, 2001. p. 47-57.

BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005. 136 p.

COUTINHO, C. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 318 p.

GIULIANOTTI, R. Sport: A Critical Sociology. Cambridge, UK: Polity Press, 2005. 267 p.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1. 494 p.

———. Cadernos do cárcere. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3. 428 p.

———. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4. 394 p.

GRUPI, L. O conceito de hegemonia em Gramsci. 4. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978. 143 p.

HARGREAVES, J.; MCDONALD, I. Cultural Studies and the Sociology of Sport. In: COAKLEY, J.; DUNNING, E. (Ed.). *Handbook of Sports Studies*. London: SAGE, 2000. p. 48-60.

HARGREAVES, J. Sport, Culture and Ideology. In: HARGREAVES, J. (Ed.). *Sport, Culture and Ideology*. London: Routledge & Kegan Paul, 1982. Chapter 2. p. 30-61.

MÉSZÁROS, I. Filosofia, ideologia e ciência social. São Paulo: Boitempo, 2008. 236 p.

RIGAUER, B. Marxist Theories. In: COAKLEY, J.; DUNNING, E. (Ed.). *Handbook of Sports Studies*. London: SAGE, 2000. p. 28-47.

ROWE, D. Antonio Gramsci: Sport, Hegemony and the National-Popular. In: GIULIANOTTI, R. (Ed.). *Sport and Modern Social Theorists*. New York, PALGRAVE MACMILLAN, 2004. p. 97-110.